

Brasil alcança a posição de quarto maior produtor mundial de celulose

Apesar da crise mundial, que mudou perspectivas de balanço e provocou queda na demanda e no preço da celulose, o setor conseguiu alcançar sua principal meta de 2008

Por Marina Faleiros

Suécia e Finlândia ficaram para trás. Após produzir mais de 12,8 milhões de toneladas de celulose, o Brasil agora é o quarto maior produtor mundial da *commodity*. Com todo o seu potencial de fibra curta e metas arrojadas, o País já pretende chegar, no futuro, ao nível de produção da China, que hoje produz anualmente 19 milhões de toneladas. “Começamos o ano muito bem e tínhamos expectativa de alcançar uma produção de quase 13 milhões de toneladas, porém em setembro o mundo mergulhou nesta crise e algumas empresas diminuíram o ritmo de produção. Mesmo assim, isso não impediu que alcançássemos a meta de 2008”, afirma Elizabeth de Carvalhaes, presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa).

De acordo com dados da entidade, a produção brasileira de celulose cresceu 7,1% em relação ao ano passado. Os fabricantes de papéis conseguiram aumentar em 2,1% a produção, alcançando 9,2 milhões de toneladas. “O ano termina com um ótimo desempenho do setor, já que esperávamos somar US\$ 5,2 bilhões de exportações, mas vamos fechar 2008 com quase US\$ 6 bilhões, crescendo 30,6% só na exportação de celulose”, conta a executiva. Além disso, o saldo comercial da matéria-prima ficou positivo em 32%. No caso do papel, apesar de as exportações terem crescido 14,6%,

Celulose – Desempenho em 2008 (mil toneladas)

	2007	2008*	Var.
Produção	11.998	2.850	7,1%
Importação	346	350	1,2%
Exportação	6.584	7.100	7,8%
Consumo aparente	5.760	6.100	5,9%

Fonte: Bracelpa

Produção por tipo de papel – 2008

Embalagem	49,1%
Imprimir/escrever	28,6%
Sanitários	9%
Papelcartão	7,2%
Imprensa	1,6%
Demais	4,5%
Total: 9,2 milhões de toneladas	

Fonte: Bracelpa

as importações foram 31,7% maiores, principalmente devido ao câmbio desvalorizado até meados do segundo semestre, deixando a balança negativa em mais de 15%.

Elizabeth ainda pontuou que o Brasil tem conquistado novas posições no mercado mundial não só porque está aumentando sua produção, mas porque outros concorrentes estão em declínio por conta própria. “Os países escandinavos sofrem com a falta de madeira, já que sobretaxa na Europa interrompeu 100% da compra de madeira da Rússia.” Além disso, ela explica que as fábricas dessa região

estavam muito obsoletas, sem condições de competir com os níveis de produtividade atuais. “No Brasil, há forte investimento em tecnologia, e o País já é o mais produtivo do setor no mundo. A distância em relação a outros competidores vai crescer, pois lá fora as fábricas mudam mais lentamente do que aqui.”

No comércio exterior da celulose, que rendeu US\$ 3,95 bilhões em 2008, a Europa detém 52% das vendas brasileiras de celulose, seguida da América do Norte, com 19%. “A Europa ainda é o mercado mais importante, porém o que mais cresce é a China. De janeiro até o início de setembro, as exportações para lá cresceram 92%”, conta Elizabeth. No caso do papel, a proximidade com os mercados finais faz toda a diferença. Por isso, o maior mercado ainda é a América Latina, concentrando 61% das exportações brasileiras do produto. Depois, com 15% das compras, vem a Europa, seguida de América do Norte, com 12%, num total de US\$ 1,95 bilhão em vendas.

CRISE E CONSEQUÊNCIAS

Desde outubro, não existe tema mais recorrente no setor – seja nas rodas de executivos, encontros setoriais ou coletivas de imprensa – do que os impactos da crise financeira mundial nos fabricantes de celulose e papel brasileiros. Não existem previsões certas sobre o futuro, já que a volatilidade do mercado ainda é intensa e somente agora os efeitos da crise estão chegando à economia real.

No mercado de celulose, os primeiros meses de crise ocasionaram uma queda de demanda e preço da *commodity*. Segundo Elizabeth, a tonelada de celulose, que chegou a valer entre US\$ 800 e US\$ 900 em 2008, caiu para a marca de US\$ 650 diante da crise. Em resposta ao arrefecimento da demanda e para evitar a formação de estoques ainda maiores, diversos fabricantes no Brasil decidiram diminuir o ritmo de produção ou até mesmo parar por alguns dias suas linhas. Ao todo, o Brasil fez uma parada voluntária de 140 mil toneladas de celulose, contando com a participação das empresas Aracruz, Cenibra, Suzano e VCP.

Programas de paradas

Out.-dez./2008	(mil toneladas)
Aracruz	65
Cenibra	10
Suzano	30
VCP	35
TOTAL	140

Fonte: Bracelpa

Para ela, no entanto, o Brasil está em uma posição mais confortável do que outros setores de *commodities*, já que o preço da celulose foi o que menos caiu. Mesmo assim, ela salienta que os principais compradores não passam por bons momentos da economia. Japão, União Europeia e China representam 72% das exportações

da celulose brasileira. Com os dois primeiros em recessão e uma grande queda no consumo chinês, a situação não deixa de ser preocupante para os produtores nacionais. A China, inclusive, chegou a suspender 100% dos embarques de celulose brasileira. Conforme Elizabeth, no entanto, as compras do país asiático já foram retomadas no final do ano.

Toda crise tem diversas facetas, como explica Carlos Farinha, vice-presidente da Pöyry Tecnologia e um dos participantes do fórum *Crise Mundial Econômica* da Associação Nacional dos Profissionais de Venda em Celulose, Papel e Derivados (Anave). A primeira delas é a falta de crédito, que gera dificuldades de caixa. Além disso, também afeta o setor a questão do câmbio. Uma grande reclamação dos setores exportadores brasileiros nos últimos anos refere-se à grande valorização do real, pressionando os custos de quem envia produtos para fora. “Mas, como já dizia aquele provérbio árabe, ‘cuidado com o que pede para Deus, pois Ele pode atendê-lo’. No caso do câmbio, isso foi rápido demais”, diz o executivo.

Com o dólar em alta explosiva, a dívida das companhias nessa moeda também subiu. O reflexo apareceu nos balanços, marcando prejuízos milionários. Horácio Lafer Piva, presidente do conselho da Bracelpa e membro do Conselho da Klabin, afirma, entretanto, que esta não é ainda uma questão preocupante: “O prejuízo que aparece agora é contábil, mas boa parte dos fabricantes tem o balanço amarrado às exportações, que vão trazer um resultado mais do que proporcional no final”.

Mesmo diante do cenário pouco amigável para o ano que começa, Farinha acredita que nada disso afeta a competitividade estrutural do Brasil na produção de celulose. “Não há nenhum país com esta competitividade, e a parte negativa é temporária”,

diz. Ele ressalta, porém, que uma das grandes perdas para o setor no período foi a suspensão temporária da fusão entre a Aracruz e a VCP. “Isso poderia deixar o setor brasileiro no nível de grandes grupos mundiais, pois a concentração é importante para permitir uma inserção de mercado muito mais coordenada.”

Para os fabricantes de papel, as perspectivas são otimistas. Máximo Pacheco, presidente da International Paper na América Latina e também um dos palestrantes do fórum da Anave, conta que um dos principais impulsos para a alta da venda de papel é o crescimento na venda de computadores. “O Brasil está encerrando o ano com 14 milhões de novos PCs, volume inferior apenas aos do Japão, dos Estados Unidos e da China.”

Ele ainda diz que, no caso da International Paper, a empresa tem boas chances de atravessar a crise de maneira forte e segura, já que o foco passou a ser a América Latina. “Temos de manter uma forte disciplina de equilíbrio de oferta e demanda. Na América do Norte, o grupo fechou seis fábricas e 16 máquinas, reduzindo sua produção total em 1 milhão de toneladas. Assim, temos menos fábricas, que, porém, funcionam com maior produção e adequação de custos”, afirma.

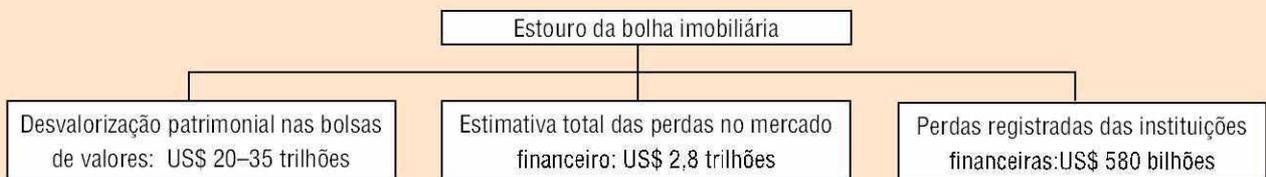
Se 2009 começa de forma turbulenta, Elizabeth ressalta que o setor continua crescendo. “Afinal, para este ano já teremos um acréscimo de 1,3 milhão de toneladas de celulose e 200 mil toneladas de papel”, comenta, citando as fábricas da VCP e da International Paper que começarão a produzir no primeiro semestre. Além disso, permanece a vontade de se tornar líder mundial, diz: “O setor não vai cancelar investimentos feitos no Brasil, pois temos um mercado de longo prazo e o País não vai deixar de investir para ultrapassar a produção da China.”

CRONOLOGIA DA CRISE

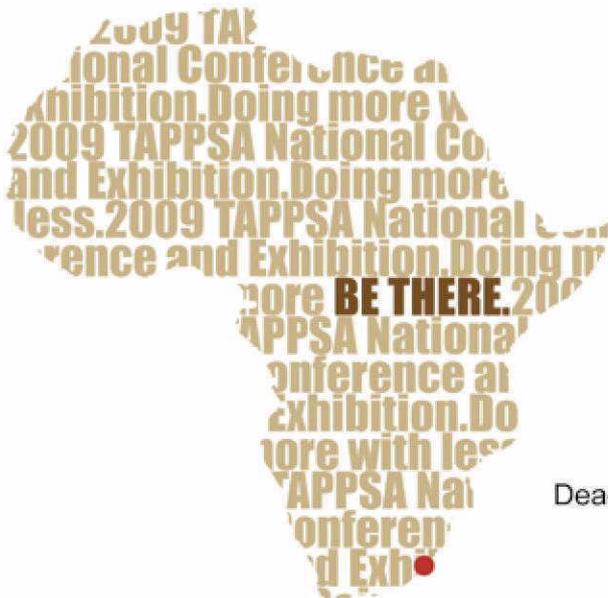
- **2001–2006:** intensa liquidez estimulada pela política de baixas taxas de juros do FED e outros bancos centrais após a crise de 2001; abundância de crédito estimulou a demanda; preços dos imóveis dos Estados Unidos dobraram no período; proliferação das inovações financeiras e subavaliação dos riscos envolvidos nas operações.
- **Fim de 2006:** após atingir o pico, preço dos imóveis começa a cair e aumenta a inadimplência.
- **Fevereiro de 2007:** HSBC reporta a perda de US\$ 10 bilhões com o braço hipotecário.
- **Abril de 2007:** falência da New Century Financial, uma das maiores empresas do setor hipotecário americano.
- **Setembro de 2007:** intervenção do Northern Rock – início da ação estatal mais severa; taxa Libor (juros oferecidos no mercado interbancário de Londres) atinge o maior nível desde 1998.
- **Março de 2008:** FED anuncia injeção de US\$ 200 bilhões para restaurar liquidez nos mercados.
- **Julho de 2008:** intervenção nas agências Fannie Mae e Freddie Mac, que, juntas, possuem ou faturam US\$ 5 trilhões em ativos.
- **Setembro de 2008:** falência do Lehman Brothers; estatização da seguradora AIG; estatização do sistema bancário da Islândia; estatização dos bancos Bradford & Bingley (Inglaterra) e Fortis (países Baixos); intervenção no Real Hypo State (Alemanha).
- **Outubro de 2008:** aprovação do pacote de ajuda de US\$ 700 bilhões pelo Congresso americano; atuação internacional coordenada de recuperação do sistema bancário.
- **Novembro de 2008:** governos anunciam medidas de reativação da economia.

Fonte: Mariano Laplane/Unicamp

DIMENSÕES DA CRISE



Fonte: Banco da Inglaterra, Bloomberg e Carta Capital – Compilado por Mariano Laplane/Unicamp



CALL FOR PAPERS:

In the spirit of sustainability and the protection of our environment, the **2009 TAPPSA National Conference and Exhibition** (previously known as African Pulp and Paper Week) will focus on

“Doing more with less!”

Deadline for paper submissions: **Friday 20th March 2009**

Submit papers to: lynne.askew@tapppsa.co.za

For more details, phone +27 31 764 2494.

2009 TAPPSA NATIONAL CONFERENCE & EXHIBITION

13-14 October • Durban, South Africa



TAPPSA